RESSURREIÇÃO
Fra Angélica

N.º 96
ABRIL / 1947

Assinatura ao ano 12$00
Preço avulso 1$00

O CARRILHÃO DA PÁSCOA

Já notaram, na primavera, quando o sol queima e se debruça por trás dos telhados das grandes construções de pedra, quanto sangue e fôgo corre por cima da cúpula de ouro dos sinos das igrejas?

Então os pesados sapatos ferrados do sineiro contam os degraus da escada de caracol que atinge as alturas do telhado em vermelho côr de sangue e rangem no silêncio das nuvens. Mas é só por instantes. A potência da mão forte do homem rompe de novo o silêncio. Os sinos tocam a canção de mil séculos vividos num passado com pessoas do passado, êles também, os dêsse tempo. Passaram e levaram com êles os seus encantos e as suas tristezas. E, agora, só o sulco sangrento do sol que se extingue, desenha os traços da sua recordação. Traços de uma vida que não mais voltará.

Mas, assim que toca o martelinho de prata do anjinho no mudo sino de cobre, então as recordações fogem pelos espaços celestes e a alegria tôda vestida de branco lá vai visitar os espiritos fatigados das crianças, para lhes contar os terrores de um coração e o amor de uma Mãe divina.

O sino toca, toca e conta o feito heroico daquele que vem partilhar do sofrimento humano para o tornar mais suave, mais luminoso, para ser o Redentor perante o divino Criador.

Toca, o pequeno sino, toca e canta, e as crianças escutam e perdem-se no sono sob o puro olhar da violeta.

O pequeno sino de prata bate no bronze. Toma uns sons delicados, embaladores, no espaço do dia sombreado, para abafar a sua mágua do mundo que abandona, e que ficou em baixo no meio dos jardins, dos rios e das montanhas da terra enegrecida.

Mas eis que, ainda a voz do pequeno sino não se calara completamente, e já outros sinos se fazem ouvir e os sons vêm confundir-se com os dêste.

Grandes, enormes sinos cujas badaladas caem como grossa chuva. Porque o som dos grandes, dos largos sinos é um chamamento da consciência divina que desperta e exorta os eternos nómadas nos seus caminhos. São assim nas grandes cidades, e as suas badaladas são pesadas, lentas, e morrem com a dor por entre os telhados ponteagudos das grandes casas de cimento armado.

Mas, já ouvisteis os sinos dos pequenos burgos, das pequenas aldeias, perdidas por entre as planícies?

Quanto vigor e quanta alegria nos seus sons!

Nas tardes amenas, ide a uma aldeia pobre escondida algures e ouvi o som dos sinos, não podereis deixar de sentir a alegria dos malmequeres, da espiga que encerra o grão de trigo e do coração do homem da terra todo inflamado de amor.

E verdadeiramente quanta alegria e amor há nos nossos pequenos burgos.

Lembro-se dum pequeno mas belo episódio da minha tenra infância. Não havia nêsse tempo tantos cuidados nem tantas dificuldades. E também nãa havia tanto luxo nem tantas corridas para os divertimentos. Vivia-se com o olhar sereno da primavera. E nós, os pequenos, não conheciamos os clubes desportivos. Eis porque os nossos olhos eram menos brilhantes, mas mais tranquilos. Procuravamos principalmente a s lidão. E ai, no meio do silêncio mistico da alma infantil, ouviamos as velhas histórias das façanhas dos heróis mortos pela liberdade e pela pátria. Acima de tudo colocávamos o legendário protector dos cristãos, o herói Krali Marko. Era a estrêla mais refulgente do poder búlgaro do nosso horizonte infantil. E assim, perdidos a ouvir o longo desfiar das lendas sublimes, os dias passavam.

No entanto, para nós os dias mais belos eram os dias da Semana Santa. Esperavamos com impaciência as vésperas que se celebravam todas as tardes dessa semana.

Acompanhados por nossos pais, iamos com entusiasmo a essas missas vesperais. Tôdas as tardes, o Cristo sofredor estava diante de nós, pacífica vitima dos nossos êrros. E a sua imagem impressionava-nos profundamente. Os nossos pequenos corações asp:ravam as suas meigas palavras, a sua obra santa, e voltavamos sempre com a ideia de qualquer coisa de grande, de indefinido para nós, mas preciosa para as nossas almas de criança.

Mas era Jesus pregado na cruz que nos causava mais profunda impressão. As nossas pequenas almas comoviam-se. As lágrimas corriam-nos pelas faces. O sofrimento divino encontrava éco nos nossos corações ternos e puros. Êsses corações compreendiam melhor a passagem do bem para o mal. Talvez porque eram puros e inocentes. A alegria e a tristesa atingia-os fàcilmente. Aflorava-os ao de leve e conquistava-os ràpidamente. E então as palavras do servo de Deus eram absorvidas como o orvalho da primavera. O pensamento infantil adivinha o que não lhe foi dito. E a imaginação cria quadros matizados.

Eis Cristo sofredor extinguindo-se pregado na cruz. A' sua esquerda, o ladrão. A' sua direita, também outro ladrão. Duas almas criminosas. Uma arrepende-se. E ganha o amor do Nazareno e dos pequenos corações. A outra incorrigível, tenaz. E à volta reunem-se as pessoas para ver...

Os capacetes de aço ressoam como os dos soldados romanos. Sob a cruz, a Mãe de Deus, a Santa Maria, curva a cabeça perto da Cruz de Cristo e chora-o dolorosamente.

E êle... Os seus olhos azues, azues como os bluets, fixam-na tranquilamente e exaltam docemente todo o sofrimento do mundo.

— «Água»!

Os soldados agitam-se.

«E ali, achava-se um vaso cheio de vinagre: os soldados molham nêle uma esponja e apresentam-na a Jesus.»

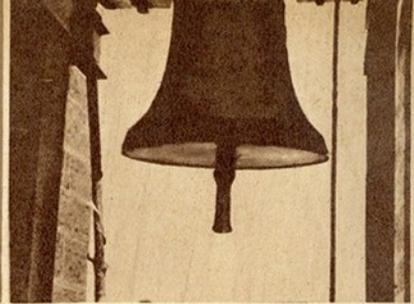
Êle estende os lábios.

— «Está tudo acabado!» — diz êle.

E baixando a cabeça, expirou.

Tudo se tornou sombrio, a terra treme e o véu do templo rasgou-se...

Os soldados assustados, fogem.

Ao lado da Cruz a Mãe de Cristo fica só.

Foi aí que os discípulos a encontraram, quando vieram à noite. Desceram-no da Cruz e levaram-no para o jardim de José de Arithmatea que oferecia o seu sepulcro para meterem o corpo de Cristo.

Os círios tremem e cada estremecimento é uma grossa lágrima de criança. E quando os sinos tocam e rompem o silêncio de morte da noite profunda, o seu som cái sôbre o rosto do Crucificado, como o seu sangue, gôta a gôta caiu aos pés da Cruz.

Mas a maior alegria que se podia sentir e viver, era a alegria dos sineiros, aqueles que tocam os sinos que anunciam a Ressurreição de Cristo. Era a festa dos eleitos. Estavam diante dos outros como os heróis da virtude infantil.

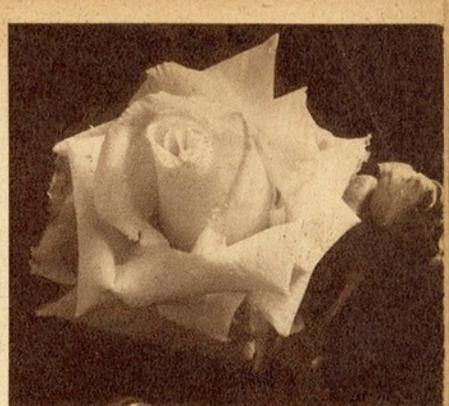
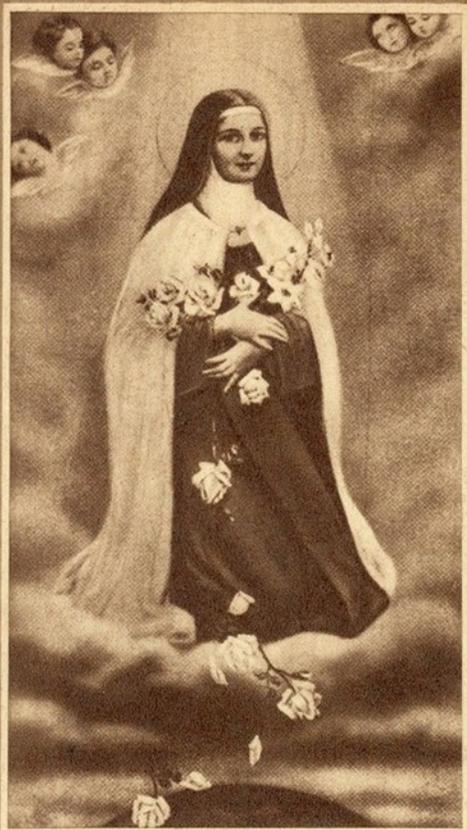
Assim que caía a noite, preparavamo-nos no alto do campanário da igreja. Estendiamos as mantas. Deitavamo-nos mas ninguém adormecia. Estavamos todos acordados e espertos. Esperavamos. Esperavamos a voz roufenha do sineiro, o seu sinal para começar. Logo que o ouviamos, começava essa alegria que voava nos espaços nocturnos, despertava as estrêlas, tôda a terra, e afugentava o sono dos nossos camaradas sonolentos. Cada um de nós pendurava-se na grossa corda. Cada qual puxava com tôdas as suas fôrças.

E os sinos tocavam, penetravam no espaço adormecido do pequeno burgo, atiravam-se para as grossas águas do grande rio e vivamente recomeçavam a sua dansa por cima dos salgueiros floridos, perdidos na obscuridade. E em baixo, no santuário iluminado pelas velas, ressoavam as vozes sonoras do côro das crianças.

«Cristo ressuscitou!

«Com efeito ressuscitou!

Os cantos da benção espalhavam-se sôbre os homens, sôbre as árvores em flôr, sôbre todo o universo.

(Transcrito dum livro bulgaro)

DESCONFIO que nunca vos falei nestas páginas da vida de nenhum santo ou santa. Desta vez, perdoai, tem que ser.

Sei que gostais dessa figura singular de mulher que ao cabo de pouquíssimos anos após a sua morte, recebia as maiores honras, as da canonisação — a patrona das missões, a patrona da Rússia, a patrona da França: Terezinha do Menino Jesus.

A 30 de Setembro deste ano passará o cincoentenário da sua morte, ocorrida aos 24 anos de idade, no carmelo de Lisieux.

Anda aí, traduzida em todas as linguas: «*A História de uma Alma*», — pouco mais do que um simples caderno anto-biográfico que a obediência lhe mandou escrever. São páginas de uma frescura, de uma poesia sem igual. São o código do heroísmo evangélico.

Pouco a pouco fiéis e increus foram-se apaixonando pela doutrina que anda nesses capítulos de mística para os homens atarefados e sofredores de todos os males do nosso tempo.

E a teologia do «*caminho da infância espiritual*» abriu-se de repente aos corações e às almas deste século doente de complicações e de Jansenismos destruidores. Uma revolução, uma época na história da espiritualidade católica.

*

No fundo é isto: o homem moderno sabe que pode e deve querer os cimos da vida grande sem deixar de mão o seu dever de estado, as pequeninas e as chamadas insignificantes ocupações de cada hora. Apenas isto. A vida, a mais simples, a que pareça mais banal: o trabalho humilde, as humildes missões: as horas de estudo, as aulas, a matemática e o latim, o desenho e a história, as repetições e os exames, tudo é caminho de santidade.

O heroismo e a santidade — ensinou Tereza de Lisieux — está na fidelidade ao cotidiano, ao simples e escondido do dever de estado. **Devoção ao dever de estado,** a grande devoção: como está no Evangelho.

*

«A mais insignificante faúlha chega para atear um grande incêndio...»

Esta palavra de Santa Tereza, explica tudo.

Já tinhas pensado a sério nela, na sua fôrça?

«*A prática dos pequeninos nadas...*», é outra frase que lhe acode sempre aos bicos da pena.

Tu ao contrário, naturalmente, andas a imaginar para aí eu sei cá bem que castelos nunca vistos de acções extraordinárias, berrantes... tu, que falhas a cada momento, no cumprimento das mais insignificantes obrigações *da tua* vida de rapariga e de estudante...

*

«*... dobrar a minha vontade, não replicar, prestar pequeninos serviços à minha volta sem chamar a atenção para eles, e outras mil coisas deste género...*», repetiu noutra página.

Pio XII, a este propósito, apresentando esta doutrina às gerações do nosso tempo tão martirisado por velocidades e inventos maravilhosos, quere que o «caminho» desta ascética seja «uma renovação profunda de toda a vida católica».

*

Uma doutrina de simplicidade. Uma doutrina incendiária... São almas destas que escasseiam cada vez mais.

E' o que nos falta. Nem são políticos, nem doutores, nem sociólogos os que mais são precisos.

Almas, sim. Almas assim, para levedarem a terra, para animarem de Amor o mundo, para aumentarem o «bando» dos «namorados» da «primeira linha».

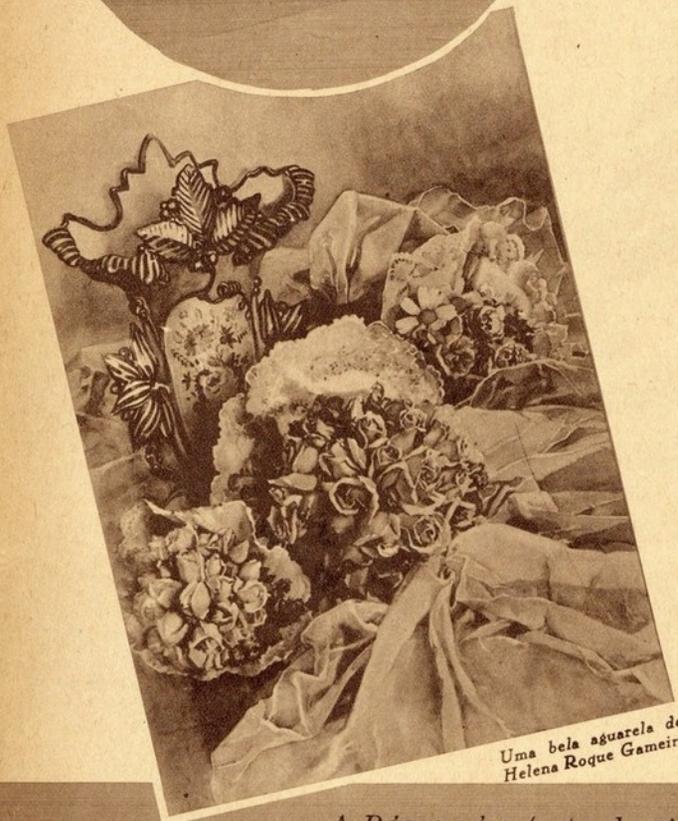
Se tu quisesses!...

G. A.

DE TUDO UM POUCO

DA ARTE

Tôda a delicadeza de visualidade pura e de quem sabe o que quere — e consegue-o — se encontra nas aguarelas de Helena Roque Gameiro, que há pouco admirámos numa Exposição. Sensibilidade e delicadeza bem femininas, mas despidas ou do agrado fácil dos efeitos das amadoras-prodígio (e porque não de grande parte dos profissionais ? !) ou dos «truques» em abrir brancos a «gouache», etc., de muitos consagrados, mentindo e negando a função de cada matéria, fugindo a dificuldades.

Helena Roque Gameiro consegue dominar todas essas dificuldades, sem receitas, sem artifícios e sem «mastigar» as côres ; e bastam os riquíssimos cinzentos de alguns dos seus quadros (flores ou tecidos ; louças ou fundos) para a imporem como uma verdadeira aguarelista. Mas isto ainda auxiliado por uma técnica — que em primeira impressão nos parecem os seus trabalhos realizados pelo processo em uso de desenho, colorido depois, e não «aguarela» — que atinge o «virtuosismo».

Uma bela aguarela de Helena Roque Gameiro

A Páscoa é a festa da vida nova, da vida eterna começada já na terra... Vive consciente desta realidade divina. Vive transbordante da alegria de Jesus: Cristo ressuscitou e tu ressuscitaste com Ele!

Tudo é bom! tudo é belo!

Na Primavera, *enlevai-vos*
Nas cerejeiras em flor.
No Verão, *folgai nas ribeiras*
Quando se abraza em calor.

No Outono, *vêde a folhagem,*
Toda escarlate, voando.
No Inverno, *espreitai a neve,*
Bebendo vinho e cantando.

(Cantiga popular japonesa)

Adivinhas

1 — O que é uma cousa, que tem pernas, tem costas, e não é gente?

---

2 — Alto está
Alto mora;
Ninguem o vê
Todos o adoram.

---

3 — O que é que se deixa queimar para guardar algum segrêdo?

---

4 — Dentro de uma lapinha
está uma cachopinha;
chove, não chove,
está sempre molhadinha.

(Ver decifrações na página 16)

Em frente do teu lar... da vida que Deus te apontar...

CHEGOU a hora de partir... Bendito seja Deus se te escolheu para alguma coisa de grande. Há muitos caminhos na vida, e menos importa seguir este ou aquele, do que vivê-lo cheio de ideal e de santa ambição de o pisar com nobreza, sem vacilar.

Vais partir... Supõe tu que para o casamento. Que comoção suave ao nascer do dia fixado... Supõe tu que para uma missão especial que vens sonhando há anos...

Só um dia o saberás quando rapariga largares como os que partem para o mar alto em busca de outras terras, em conquista aventurosa...

Para aqui ou para além, e até se ficares no teu humilde pôsto actual, convencida que é esse o teu lugar de sempre, no dia em que tomas rumo um sorriso te inunda o semblante. Talvez lágrimas de comoção te corram pela cara abaixo, mas tudo é um: em ti reinam o paz e alegria! E' a fôrça para a luta que há-de vir, é um dos maiores dons de Deus.

Paz e alegria, disse. Vontade de sorrir a quantos se abeirem, vontade de repartir para todos se alegrarem contigo. Apetece-te cantar, saltar do peito para fora. Sentes-te feliz rapariga porque já sabes para onde vais; porque talvez passasses dificuldades, aflições, trabalhos, para conquistar o ideal que sonhaste, e hoje esse ideal é teu! Já nem te lembras das canseiras que sofreste para chegar ao grande dia, e se as recordas é para mais te alegrares agora que as dominaste, que as venceste.

Pois esta alegria que vai contigo guarda-a para sempre.

Prepara-a desde já, tu que ainda estás longe desse dia. Enche-te dela, repassa-te dela para que a possas guardar então mesmo nas dificuldades, mesmo quando tiveres de chorar com os olhos, para que o coração se não afogue na dôr.

Se há dias conversando te dizia que a mulher é de certa maneira o centro da vida humana, vê que é pela alegria que de facto o pode ser. Se a criança e o velho buscam a sua face delicada, é para nela encontrarem o sorriso que apazigue os seus males. Se o homem se fortifica e retempera no ambiente do lar, é porque nele encontra melhor lenitivo para a sua alma do que pròpriamente descanso para o corpo.

Hoje a mulher não sente talvez esta obrigação de ser a alegria do lar, a alegria dos outros. Se não lhe apraz confortar o marido, ou a família que a acerca mal disposta, roda o botão da telefonia e implora do batuque frenético de qualquer music-hall o barulho que supra a falta da sua alegria sã. Se tem melhor gôsto, e dispensa os swings e foxs para ouvir música de melhor qualidade e palestras de interesse cultural, ainda estas são preciosos substitutos da sua paciência e boa disposição. Outras vezes sai; mil e um motivos e pretextos não faltam na vida moderna para abandonar a pequenina gente que vive da sua alegria, a casa, os seus. A' volta toda a canseira se justifica... e a alegria vai ficando para trás.

Há ainda o cinema. Qualquer bairro não muito isolado de cidade ou vila possui um salão onde marido e mulher que se aborreçam em casa vão distrair-se... ou passar o tempo. Há alvoroço em toda a parte, os nervos esgotam-se provocando esse estado de espírito moderno agitado e irrequieto.

Será isto o que ficou da doce alegria desse dia solene em que partiste para a vida? Estarás já neura ou desiludida pouco tempo depois? Seria tão pouco... e tão triste...

E' certo que tudo te ajuda a desculpar-te. Até os arrebiques da *toilette* moderna... debaixo do *rouge*, do *bâton*, da permanente ousada, quem conhece a tua verdadeira expressão? Um *maquillage* hábil tudo esconde. No entanto... talvez te enganes mais a ti do que aos que te rodeiam. Julgas que quando andas maçada, verdadeiramente maçada — e desculpa, nessa altura fàcilmente te tornas maçadora — os outros te buscam? te querem ao pé de ti?

Se a missão de toda a mulher é ser de facto uma presença, pode dizer-se que só a realiza quando é um foco de alegria e de paz.

Não vás à procura lá fora disso que merece o nome de verdadeira alegria. Lembra-te como vêns das festas, quando elas passam a ser para ti uma necessidade imperiosa. Regra geral cansada, moída; aborrecida muitas vezes, com o que por lá viste ou sentiste, desgostada outras. Se abusas de divertimentos acabas por ser uma *blasée* como é costume dizer-se. Não, não é lá que vais preparar a alegria que não passa nem cansa.

Porque te enfastias tanto de estar só? Deus queira não te aconteça... era sinal de que lá dentro não tinhas nada, mesmo nada... e choravas de te ver contigo. Decerto que outros farão o mesmo ao abeirarem-se de ti.

E' tão bom ser feliz por nós, pelo ideal que temos em vista, pelas nobres aspirações que aceitamos de Deus, por aquilo que amealhamos no nosso coração!... Se vem alguma contrariedade, passa adiante: parece que até se fortifica depois a nossa alegria.

E' próprio dos teus poucos anos de rapariga saber buscar no meio das coisas o seu lado bom, porque tudo tem bom e mau. Saber escolher, saber tirar.

Nunca confundas tambem alegria e prazer. Há alegrias sãs nas quais Deus pôs um legítimo prazer que ajuda na vida a andar para diante. Há outras, que pouco a pouco se vão conhecendo, cuja doçura só nos é revelada mais tarde. E' assim o sacrifício generosamente aceite, é assim o dever praticado com abnegação. Trazem consigo a mais íntima das alegrias. Lá ao longe, a perder de vista, ficam os prazeres que ocultam vícios e egoísmos. Esses doiram o mal, mas deixam um sabor amargo. Quem a eles se habitue, passa dum a outro, cada vez mais insaciável se torna... Cansados da vida julgam que correm para a alegria e cada vez fogem mais dela!

Como isto doi, quando se presenceia na gente nova...

E' duro, mas já o temos ouvido: mães a lamentarem-se de que no lar esta ou aquela filha causam mau estar, pequenas disserções... que são um peso, um motivo de canseira... E' mau em si, e talvez levem o próprio castigo para a sua vida futura...

Tudo se aprende na escola. Senão sentada nos bancos, sempre a braços com um esfôrço pessoal.

Se queres ser, mulher de amanhã, aquela que na tua casa, no teu trabalho, na tua profissão até, vence pela suavidade, pelo sorriso, pela firmeza... começa já hoje.

Faz ambiente em ti, vive contigo, aprende a ser feliz no íntimo do teu coração. Irradia depois em volta de ti aquilo que ganhaste com a tua boa vontade. Alegra-te com a alegria dos outros, dá-lha quando lhe falta. Sabe revestir os acontecimentos da tua juventude, da tua frescura. Sabe unir, desfazer arestas, completar deficiências, animar sorrisos...

Simplifica tudo. Para isso sê tu simplesmente aquilo que ambicionas ser.

Não te deixes envolver pelo barulho do século XX, pelo alvoroço do mundo actual.

Devagarinho, assim vais chegando ao grande dia da partida para a vida — chegando e preparando...

Deixa longe as neuras, as faltas de coragem, as más disposições, o feitio.

Com os olhos fitos no alto sorri sempre em frente da vida! A vida um dia há-de sorrir-te a ti!

Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis

Fernando Carlos

DA LOUCURA DE UM "BOVY" AO RESGATE...

ERA uma vez um cão, com *pedgree* completo, de linda estampa, pêlo de seda, de olhos dourados, que se não ufanava da sua linhagem de raça, porque era bicho, a-pesar da esperteza canina e do fidalgo tratamento dispensado pelos amos, pouco afeitos às misericórdias cristãs.

Casal moderno, a estoirar de dinheiro, e sem filhos, consumia o tempo e a vida em estravagâncias caras, sem rendimento para o bem comum. Mas à luz do esterlino herdado — é tão lindo o magnão! — tudo se curvava aos senhores do «Bovy», para os quais só contava o dinheiro, esmagando, embora, virtudes e morais valores de tradição, de educação e de elegância espiritual.

Comerciantes e servidores adoravam o bezerro de oiro daqueles burgueses, remunegando, talvez, no íntimo, contra a imoralidade do culto ao cão, tratado a bife, a bolacha com manteiga, a arroz de leite, a ovos frescos, perfumado a água de Colónia velha, depois de lavado, catado e até coberto de beijinhos... E tantas crianças enfezadas, esqueletos vivos, podiam invejar a alimentação da alimária, que de direito humano primàriamente lhes pertence!

Nas costas dos donos, o famoso cão tornou-se assunto obrigado das censuras de quantos conheciam o caso. Não faltou quem exigisse polícia, por honestidade pública, pois os bichos são para servir o homem e não serem servidos como reis da criação...

Com os acumulados mimos e viandas, até de comércio negro, o luxuoso «Bovy» amofinou-se. Deixou de tragar a carne assada, não bebia o leite fresco, ladrava e rosnava à dona, solícita do seu bem-estar, esmoreceu nas blandícias da cauda felpuda, roçada peles pessoas, vomitou bílis, com tantos ovos ingeridos, rojou ventre e focinho a rapar passadeiras e tapetes de Beiriz, deu-se a ganir à lua e a uivar as suas máguas e dores de cão prisioneiro, pois mesmo no jardim da casa, sempre à trela, não podia buscar as ervas salutares que, por instinto, saberia escolher no matagal dos canteiros com ortigas. O culto do cão matara o das flores e a poesia dos sentimentos humanos.

Eram cómicas as ternuras dedicadas ao «Bovy» que piorava sempre, trazendo tudo em alvoroço e em nervos, naquela casa. A cozinheira resmungava, mas lá ia ferver a tizana calmante e metê-la pelas guelas do bicho, enquanto, a criada de sala, lhe segurava o crâneo pelas orelhas e a patroa lamentava a sorte do coitado, vindo, pelos ares, da Grã--Bretanha. Só a sobrinha da casa, farta de aturar inferno de maluqueiras, depois de noites perdidas, encheu-se da coragem do bom senso, e, um dia da maior guinada canina, sovou valentemente o «Bovy», que até chorou... Interveio Madame que limpou o focinho da besta com o seu rendado lencinho de cambraia, e, furiosamente, pôs na rua a benemérita sobrinha que não estava filiada na «Sociedade Protectora dos Animais». E seja encomiada por ter chamado à ordem o disparatado cão, argumentando à paulada, meio eficaz, para bichos, quando é preciso.

Experimentaram-se ainda outras mèzinhas, mas o «Bovy» escanzelava-se dia a dia, roçava-se rijamente pelo chão, aborrecia a cama, com cobertor de papa fina, e teve vascas de fera moribunda, envenedada com os cuidados da senhora que os negava aos filhos de tanta gente, sem pão, sem aconchego de casa, condenados a viver em tocas e esburacadas barracas de pau e lata, como vimos em bairro nortenho, em centro termal, onde o turismo não entrou na vila para limpar as casas, matar moscas e bicheza, exigindo muita água porque a sujidade anda encardida nos interiores, saturados de fumo e de odores de curral... E tem-se falado e escrito imenso sobre moral, saúde, estética do casario provinciano!...

Perdida a esperança do «Bovy» se curar com as receitas dos ervanários, os patrões, condoídos, recorreram aos peritos veterinários, de uma clínica de cães. Também já temos dêstes progressos para internamento da espécie atacada de maleitas e precisada de tratamento de beleza. Para acerto do diagnóstico do mal do «Bovy», sua causa e cura, houve conferência de três proficientes em canilogia. O animal enfermo foi admirado, louvado pelo lindo pêlo, pelas lindas orelhas felpudas, sem mordida de mosca ou picada de carraça, que dá febre alta e mata gente idosa. Foi palpado, de patas para o ar, preso por elas, não fosse racialmente lembrar-se das suas mandíbulas de dentes finos, como agulhas, quando os veterinários lhe apertassem as vísceras afectadas com a sobre-alimentação gordurenta.

Sisudamente, os especialistas chamados, concluiram que o «Bovy» sofria de espasmos e de enterocolite.

— Remédio, doutores? Indagava Madame mais aflita que mãe de criança a morrer.

— Vinte dias de tratamento de águas minerais, tomadas em jejum, e alimentação diatética.

* * *

O «Bovy» mobilizou a casa para as termas de burgo célebre, por onde passa clero, nobreza e povo à busca de lenitivo para os males de aparelho digestivo e desenfado de canseiras e arrelias.

O bicho ia ser tratado como gente... Por ser artista de palco, ou de feira ou de circo de saltibancos, instrumento de ganha--pão, guarda fiel da fortuna dos donos?... Por ser utilitário, como os seus iguais, que vimos na Bélgica, aos pares, aos cinco, em fila, aos seis, atrelados a carrinhos de leiteiros, a carretas de lavradores puxando lenha ou batatas, tirando de metralhadoras pesadas, antes da primeira guerra mundial, desnatando leite ou batendo manteiga, metidos, cada um, em roda enorme que fazia girar com as patas, sem protestos de latidos, sem vontade de roer arreios? Cães assim, ou que servissem para sopas chinesas ou talhos prusianos *(hundschleterei)*, mereciam a ração precisa, um afago de incitamento para dispêndio de energia em benefício da família ou da sociedade, não lhes faltando o pau, se ressaibo de vadiagem os tentava, quando os aparelhavam para a lida. Não faltará piêguice a lamentá-los pela perdida intuição de que os animais foram criados para serviço honesto do homem, havendo quem os prefira vadios, sem açaimo, a morder no próximo ou a vindimar as cepas baixas nos vinhedos. O «Bovy» era a viva inutilidade decorativa do luxo revoltante, pavoneado em ostentação de dinheiro e aberração de sentimentos.

À filosofia humana repugna a subordinação do racional à besta e, por esta inversão de jerarquias, vão crescidas as desumanidades, o desamor... Se sabemos de quem, partindo para longes terras, levou mais saüdades do cão do que da filha!...

Voltemos à autêntica história do «Bovy».

Os seus amos aprestaram-se para a viagem. Avisaram telefònicamente o hoteleiro das termas, sem regatear preços subidos, e rodaram. Ele ao volante, de mãos a faiscar pedraria, ela ao lado do homem, vestida em *tailleur*, de mau gosto e caro, com o cão de luxo no regaço. O «Bovy», ansioso de liberdade, atirava-se de focinho à janela aberta. Madame tinha o cuidado de lhe limpar as ventas com o próprio lencinho rico, mal olhando para as maravilhas da paìsagem, variadas nas luzes das terras, nos amanhos, nos fraguedos, nas vinhas, em bardo, ou serpeando, de enforcado, nos choupos, para mais terreno aproveitado. A poupar se faz riqueza, sentenciam velhas experiências.

Lavradeiras louçãs, que viram passar a caravana, soslaiavam o caso do bicho acarinhado como menino, e comentavam zombeteiras:

— «Ao que nós chegamos!»

— «E há tanto filho de Deus sem eira, nem beira, sem afago de felicidade! Tanta criança ao abandôno da sorte, à sina da desgraça!...» Queixem-se, depois, da revolta dos céus e dos homens, que provocam!...

As imprecações de raios e coriscos sucediam ao pasmo, continuadas em maré alta, até se perderem os ecos das rotações do automóvel, nas curvas da estrada, empedrada a granito azul.

Chegados às termas prescritas, o gerente do hotel cumprimentou efusivamente os três hóspedes e levou-os ao *appartement* dos «cheira a dinheiro».

O casal e o cão, de botins calçados nas quatro patas para não apanhar o tétano, saindo à rua, foram silenciosamente observados. Fusilaram raivas em olhos femininos, esboçaram-se mofentos sorrisos de rapazes desempoeirados e frívolos. Depois foi o teatro desopilante, de alta comédia viva, o caso da temporada, em vez dos estriões ambulantes que infestam praias e termas armando à caridade de fidalgos e mercadores.

Também os cães miúdos e outros vadios se meteram com o «Bovy», vendo-se a dona aflita a enxotá-los, não lhe pegassem os males da aldeia. Esbaforida, gesticulava com o guarda-solinho de palmo e meio, de seda egipcia, enquanto o marido, enconchado no seu volume, puxava também a trela do bicho para acentuar a mesma defesa. Sujas e descalças saltavam, na rua, as crianças de lugar, às quais alma boa levava comida da sua mesa...

Logo naquela tarde, os amos da alimária a levaram ao director clínico das Termas. Apresentaram a carta de recomendação do veterinário, e seguidamente a inscrição. O «Bovy» pagava 150 escudos, sem nenhuma redução. Entrava em tratamento como pessoa maior, vacinada contra a raiva e contra a tinha...

O médico, diante de tão insólito cliente, franziu a testa, apertou os lábios para se não rir dos males do «Bovy» e do maior dos patrões, escreveu o nome do doente no cartão da fonte, e recomendou que o tratamento se fizesse cêdo, para evitar reparo dos aquistas.

Assim se cumpriu. E quase ao lusco-fusco, lá ia o torturado animal tomar ar e matar a sede, à fôrça, pois lhe enfiavam o frasco de água mineral pelas guelas, não obstante os protestos do bicho a sacudir o focinho, que tinham de segurá-lo pelas orelhas e mandíbulas, de encontro à parede. Mas aquela matinada, sentida pelo guizo e, depois, a presença do cão, à mesa, sentado no chão, a comer do regime diatético igual ao dos hóspedes, servido em pratos de gente, despertou a troça dos aquistas que, em férvida crítica, mordazmente depois, comentaram a maluqueira... Ferveu a indignação humana.

A criada de mesa, fardada à bretã, era compelida a migar a carne e o peixe, atendendo ao cão como a criança, e a do quarto, a-pesar de todos os protestos da sua sensibilidade, teve de preparar alguma vez o banho para o «Bovy», na tina das pessoas.

Madame assim como comprava bolacha a cem escudos a lata para o seu animal, entendia ordenar no hotel, na bica da água, no pessoal, às ordens para todos os caprichos canífilos. Quanto escraviza o dinheiro e quanto carácter se perde por êle...

A vida do «Bovy» era seguida no hotel, desde a hora da crise, cada noite, à tomada da linfa, às refeições. Só não constava que, sofrendo êle de entranhas, tivesse ido à sessão do macarrão vermelho...

Uma manhã houve zanga rija na nascente mineral. Cavalheiro, farto do calor da noite, madrugou pera o seu tratamento. O cão era o primeiro chegado, preso à trela e de botins calçados. Não se importando, procedeu como homem, adiantou-se e pediu a sua porção fria. O «Bovy» tomava-a quente para não provocar chicotada no fígado...

A rapariga da água negou-a ao aquista, pois o bicho estava primeiro, ia sempre cêdo por conselho clínico.

Num assomo de justa e necessária indignação, o aquista retorquiu:

— Não há direito de preterir o homem, humilhá-lo à besta, que devia estoirar para desagravo da moral e do respeito devido aos filhos de Deus!

— Mas êle paga como qualquer hóspede, e bebe primeiro por ter chegado primeiro, arrazoou a aguadeira, com importância...

— Pouca vergonha, não haver quem lhe dê a bola, disse rapariga azougada.

Madame do «Bovy» temeu pela sorte do seu amorzinho de raça. Sentiu a lição de moral e propôs emenda...

Ela e o seu animal andavam nas críticas e nas galhofas. Só quem tinha toleima dêste chiquismo importado não gostava do ridículo provocado.

— Para o ano, dizia, depois, a Madame, na sua alta roda de estilizadas, de repas côr de estopa batida e de sobrancelhas rapadas, hei-de trazer uma criada, pois é maçada andar sempre com o cão.

— Mas tem melhor, alvitrou outra. E' mandá-lo para o hotel dos cães, no Zoo, de Lisboa, onde nada falta. Até academia de beleza tem para o último apuro do bicho...

Junto da fonte, houve quem lhe invejasse o tratamento:

— Que feliz cão!

— Infeliz é êle, minha senhora, pois nem sequer tem a vida de cão, sempre forçado à trela e ao despotismo da dona, sem coração para filhos, repetiu outra.

— Dedicasse ela à sobrinha a metade dos cuidados que dá ao animal!...

O «Bovy» acabou por ennojar os aquistas que também tinham cães de raça, tratados simplesmente como cães, apreciados pelo seu rendimento útil, de guarda, de caça, de divertimento bem entendido.

Concluída a temporada do tratamento, foi um alívio ver partir o animal e os donos. O ambiente canibofo aliviou, antes de carregar em violência de partida, que os rapazes tramavam para a primeira oportunidade. Era só apanharem à solta o apaparicado «Bovy», para acabar com a idolatria canina...

* * *

Veio-se a saber que, vendo outros cães em liberdade, nos campos e caminhos, o «Bovy» se lançara impetuosamente pela janela do «Pontiac», e estoirara pelo peito.

Madame, que não se comovia com desgraças humanas, chorou desatinadamente pelo seu bicho infeliz. Pôs-lhe rosas na caixa, em que o meteu, e mandou-o enterrar em cemitério próprio, para vergonha da inteligência lusíada, existente, em Lisboa, com lápides luxuosas, cheias de ineptas expressões de saúdade e desnaturado afecto.

A senhora do «Bovy», como lhe chamavam nas termas, também as teve e afogava-as no lencinho rico de cambraia que tanta vez limpou o focinho babado do seu cão... A muito chega a hórrida doidice...

Uma tarde, porém, ouviu bimbalhar os sinos e ficou impressionada. Curiosa foi à janela e por entre os cortinados reparou em duas filas de crianças, vestidas de branco, de vela acesa na mão. A marcha religiosa, alegre, acompanhava o passo processional. À frente, o abade da freguezia, de estola branca, salmodiava as alegrias da Igreja, pois era a cadáver de menino, de poucos anos, que prestava honras.

No coração de Madame acordaram os bons sentimentos da mulher que pressentiu a glória de ser mãe... e tinha sido má tia, por causa do cão de luxo. Os seus olhos caíram no caixão coberto de flores, e estremeceu... Era outra sobrinha que ali sorria.

As filas brancas, de infância, que a cortejavam, eram de uma casa de caridade fundada generosamente por senhora viúva, com fortuda invulgar. Tinha adoptado aquelas pequeninas, recordada do que Jesus Cristo dissera: «Quem recebe a um dêstes pequeninos a Mim recebe»...

Madame teve de lutar consigo, na contradição dos movimentos da alma. O hábito de acariciar e adorar o cão chocava com a exigência do espírito a reclamar a difusão do bem, a bem empregar o seu dinheiro em obras de misericórdia. A avareza recalcitrou contra a generosidade nativa da mulher, a vaidade instigava-lhe a ideia de uma fundação, onde mandasse. Não lhe sorria que o seu dinheiro ficasse, sem glória, nas mãos de gastadores ingratos, talvez parentes remotos...

O combate foi longo, mas não foi inútil, pois reflectiu nas loucuras dedicadas ao «Bovy», havendo tanta criança sem pão, sem agasalho de casa, sem educação, sem garantia de futuro... Soube, depois, como a maldade organizada, pervertia inocências... Sentiu o ultraje à dignidade do seu sexo, e, num impulso de desafronta e de penitência, resolveu consagrar a sua fortuna a instituto que, moral e profissionalmente, salvasse a infância feminina...

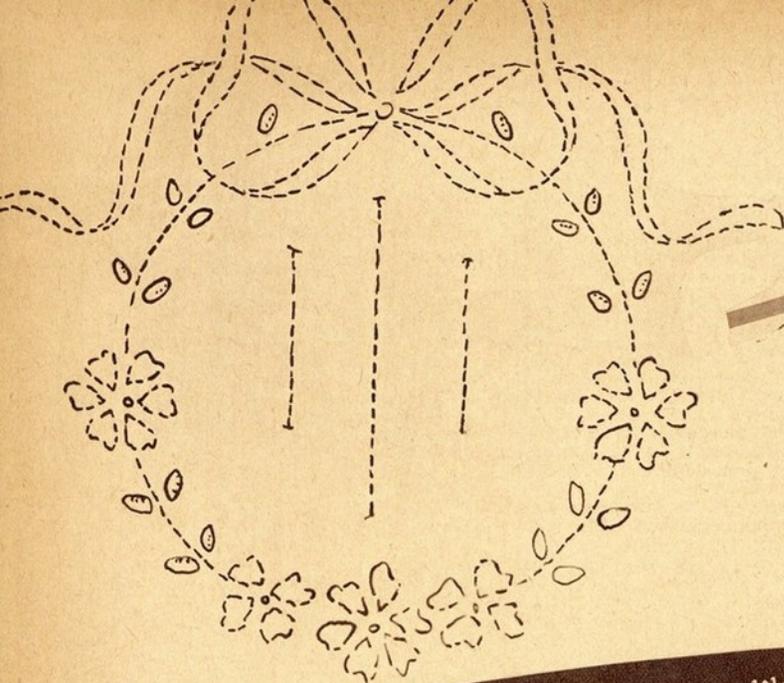
* * *

Em refeito palácio da provincia, que mandou comprar e mobilar, sem jeito de asilo deprimente, em vez de outro «Bovy», pequeninas da aldeia eram o seus amores, dignificados com largueza, porque os seus Anjos vêem a Face do Pai Celeste.

Nada acontece sem permissão divina, e se do pecado Deus tira bens, aquela desgraça do cão foi o princípio de um resgate, de sucessivas misericórdias e virtudes de altura, de que é capaz o coração de mulher bem formada. Para matar-lhe a sua beleza se empenha a paganização moderna, roubando-lhe o Evangelho.

Quanto mais fordes de Cristo mais realizais o ideal por que Deus criou a graça de Eva...

J. da Costa Lima

Noivas

N.º 1 Esta grinalda ficará muito bonita bordada com espaços de 25 centimetros entre uma e outra. Nestes espaços poder-se-á fazer 3 pontos abertos horizontais com a mesma proporção de largura e a mesma terminação que os pontos abertos verticais do centro da grinalda. Basta tirar um ou dois fios.

N.º 2 bordado tal qual está este desenho ficará um encanto numa barra de lençol. Em baixo e em cima 2 ou 3 bainhas abertas a enquadrar o motivo. Laço e flôres em ponto de sombra.

Folhas a cheio. Pé em ponto de Paris.

Maria Tereza.

Dirijo-me a ti hoje em resposta ao pedido que fizeste de firmas M. T. para lençois, bem como da nòssa opinião sôbre o enxoval de roupa de casa necessário a uma noiva.

Bem difícil é responder a esta pergunta com acêrto, pois que depende do tamanho da casa, do sítio onde vão morar, do género de vida e da abastança do futuro casal.

Debaixo deste ponto de vista a palavra enxoval toma um tamanho bastante elástico.

Como já aqui foi dito, os enxovais feitos a longo praso, (ainda quando se não tem noivo) fazem-se com facilidade, pecuniàriamente falando, e por isso podem ser mais fartos.

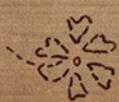
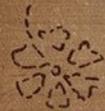
Sucede muitas vezes que o enxoval de corpo passa de moda ou fica apertado. Outro tanto não acontece com o de roupa de casa e por isso temos toda a conveniência em o fazer tão farto e duradoiro tanto quanto possível.

Não podendo dar um exemplo rígido de enxoval modêlo, apresentamos 3 tipos básicos que servirão de padrão e que serão alterados e adaptados conforme a vida do casal.

Admitindo que terão uma só cama por ser mais económico e ocupar menos espaço no quarto, as listas far-se-ão dentro dessa ordem de idéias.

Estes 3 padrões de enxoval importam em preços diferentes consoante a qualidade dos tecidos empregados.

O linho, hoje caríssimo e raro, tornou-se mercadoria de luxo que poucas bolsas poderão alcançar. Algumas famílias da província ainda por vezes têm algumas peçasitas desse linho um pouco grosso que fiàvam dantes as meninas ao serão. Por essa razão, e também por terem uma vida mais calma e igual que lhes permite longas horas de costura, as raparigas das nossas províncias levam quase sempre o seu bragal mais farto, duradoiro e rico que as raparigas das cidades.

M. B.

N.º 1 — ENXOVAL MÍNIMO

CAMA DE CASAL

2 lençois bordados e 2 para baixo.
4 lençois com firma simples e 4 para baixo. Total 12 lençois.
2 travesseiros bordados e 4 simples.
4 almofadas bordadas e 8 simples.
1 cobertor de papa.
1 » de algodão.
1 » de lã. Total 3 cobertores.
1 coberta de algodão.

TOALHAS

6 toalhas turcas grandes, brancas.
6 » turcas de côr.
6 » turcas pequenas.
6 » de algodão. Total 24.
2 lençois de banho pequenos.
Panos de cosinha de várias côres e tamanhos, 24.
6 pégas para pegar nos taxos.
2 panos de pó.
2 » do chão.

ROUPA DE MESA

2 toalhas de algodão para 6 pessoas.
12 guardanapos.
2 serviços americanos.
Vários naperons.

N.º 2 — ENXOVAL MÉDIO

CAMA DE CASAL

2 lençois bordados e 2 para baixo.
2 lençois bordados mais simples e 2 para baixo.
6 lençois simples e 6 para baixo. Total 20 lençois.
4 travesseiros bordados.
6 travesseiros simples.
8 almofadas bordadas.
12 almofadas simples.
1 cobertor de papa.
1 » de lã.
1 » de algodão. Total 3 cobertores.
1 coberta de piquet de algodão branca.

CAMA PEQUENA (para uma pessoa)

1 lençol bordado e 1 para baixo.
2 lençois simples e 2 para baixo. Total 6.
1 travesseiro bordado e 2 simples.
1 almofada bordada e 2 simples.
1 cobertor de lã.
1 cobertor de algodão. Total 2 cobertores.
1 coberta de algodão.

TOALHAS

12 toalhas turcas grandes brancas.
6 toalhas turcas de côr.
12 toalhas turcas pequenas.
6 toalhas de algodão. Total 36 toalhas.
3 lençois de banho pequenos.

PANOS DE COSINHA ETC.

24 panos de cosinha de várias côres e tamanhos.
6 panos de sarja branca. Total 30.
6 pégas (para pegar nos taxos e panelas).
4 panos de pó.
4 » do chão.
4 » de cera.

ROUPA DE MESA

2 toalhas de algodão para 6 pessoas.
12 guardanapos.
1 serviço americano bordado a branco para 10 pessoas.
2 serviços americanos simples.
1 toalhinha de chá e 12 guardanapos.
Vários naperons.

N.º 3 — ENXOVAL IDEAL

CAMA DE CASAL

6 lençois bordados e 6 para baixo.
6 lençois simples e 6 para baixo. Total 24.
6 travesseiros bordados e simples.
12 almofadas bordadas e 12 simples.
5 cobertores de lã.
1 manta de lã.
2 cobertas de piquet branco.

CAMA DE HOSPEDE (para 1 pessoa)

3 lençois bordados e 3 de baixo.
6 lençois simples e 6 de baixo. Total 18.
4 cobertores de lã.
2 cobertas.
3 travesseiros bordados e 6 simples.
3 almofadas bordadas e 6 simples.

CAMA DE CRIADA

6 lençois.
3 almofadas.
3 travesseiros.
1 cobertor de papa.
2 » de lã.
1 coberta de algodão.

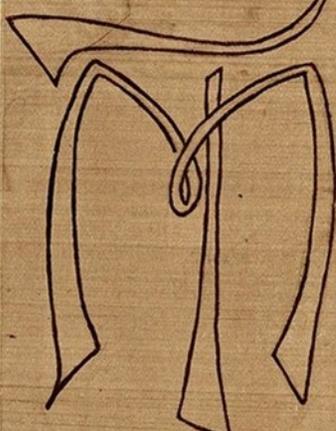
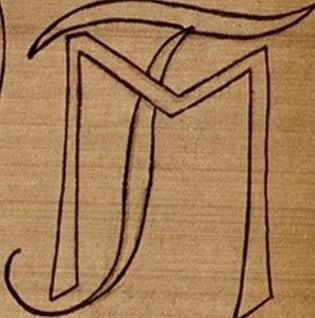
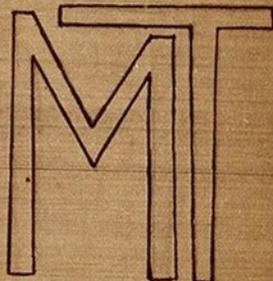
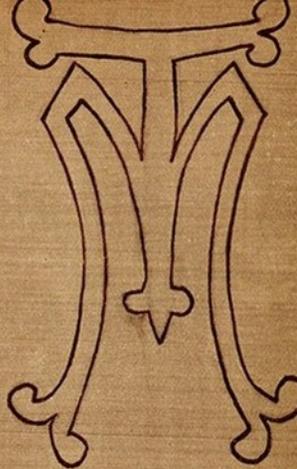
TOALHAS

12 toalhas turcas grandes brancas.
12 » turcas grandes de côr.
6 » com renda de crochet.
6 » de algodão ou linho, bordadas.
6 » para criada 3 grandes e 3 pequenas.
12 » turcas pequenas. Total 54 toalhas.
6 lençois turcos.
4 tapetes para banho.

PANOS DE COSINHA ETC.

12 panos de sarja branca.
6 panos de estopa de linho.
24 panos de côr variadas.
6 toalhas de mão de cosinha.
12 pégas (para pegar em tachos e panelas).
12 panos de pó.
12 panos de chão.
6 panos de cera.
6 panos de flanela para pratas.
6 panos para vidros etc.
6 aventais de riscado e 6 brancos.

ROUPA DE MESA

1 toalha de linho grande e 12 guardanapos.
2 toalhas pequenas de linho e 12 gardapos.
4 toalhas de algodão para 6 pessoas e 24 guardanapos.
1 serviço americano para 10 pessoas bordado a branco.
3 serviços americanos para 6 pessoas.
3 toalhinhas de chá e respectivos guardanapos.
Naperons diversos.

Coisas pelas quais se devem dar graças a Deus: uma nora amada pela sogra; uma sogra louvada pela nora.

(Provérbio japonês)

UMA SOGRA E UMA NORA IDEAIS!

Ruth acompanha Noémia: «O teu povo é o meu povo, o teu Deus o meu Deus»

Desde que há mundo, em todos os os países a incompatibilidade entre sogras, noras e genros tem sido explorada pela anedota chistosa, pelo teatro, pelos dizeres populares, etc.

O sogro escapa geralmente à troça, mas as mães do casal e os filhos pagam com crueza esta abstenção do pai. Não vamos aqui discutir os motivos deste estado de coisas; pois se é verdade que em muitos e muitos lares a união, a amisade reinam entre os casais e os pais de cada um deles, infelizmente, muitas vezes, há falta de entendimento entre aqueles que deviam formar um só coração!

Seria para dar um exemplo do que deve ser a sogra para a nora e vice-versa, *uma segunda mãe e uma nova filha,* que a Escritura Sagrada nos deixou, num dos livros da Biblia, um quadro encantador de amizade entre Noemia e Ruth?

Ruth, que deu o nome ao livro de que vamos falar, era uma Moabila, que ainda jovem perdeu o marido, um israelita, filho de Noémia. Esta também era viuva e como lhe faleceram os dois filhos, na pátria de Ruth, onde viveu muitos anos, resolveu voltar para o seu país de origem.

Ao despedir-se das duas noras viuvas, eis que Ruth não a quer deixar partir sózinha e diz-lhe: "Para onde fôres, eu vou, o teu Deus será o meu Deus, a tua pátria, a minha pátria!"

Comovida por este amor filial, Noémia acedeu ao desejo da jovem nora, e ambas vieram viver para a terra de Israel, e sempre entre as duas reinou a maior união.

A miséria, porém, entrou na casa das duas mulheres; então Ruth foi trabalhar para sustentar aquela que considerava como segunda mãe.

Era o tempo das ceifas, foi para o campo, e, seguindo as ceifeiras, recolhia as espigas que estas deixavam cair, com a pressa do trabalho.

Que encantador este quadro bucólico que nos apresenta o livro de Ruth! E tão semelhante às ceifas dos nossos tempos!

Sente-se o calor do verão, vêem-se os rapazes e as raparigas na sua azáfama salutar, e a humilde Ruth recolhendo as espigas caídas!

Como ainda hoje, os ceifeiros levavam bilhas de água para se desassedentar, e reuniam-se à hora do meio dia para uma refeição frugal; fala-nos a Biblia de pão temperado com vinagre, devia ser o antepassado do fresco gaspacho alentejano!

O dono do campo, Booz, era um homem sério, bondoso para os trabalhadores, e notou a jovem que trabalhava modestamente e sem se distrair. Recomendou-lhe que trabalhasse sempre no seu campo, que partilhasse da comida e bebida dos ceifeiros; protegeu-a, primeiro, e, conhecendo-a melhor, sentiu que a amava.

Tudo que se passava, contava-o Ruth a Noémia, e esta, inspirada por Deus, ajudou a nora a casar com Booz, que segundo as leis judaicas, tinha por dever desposar a viuva do parente que Noémia sabia ter sido o seu filho.

Mais uma vez esta sogra esquece totalmente o seu próprio sentir, para pensar únicamente em arranjar um amparo e um marido à viuva do filho!

A amizade das duas não resfriou com o novo enlace; deste lar abençoado é que depois de sucessivas gerações, brotaria a flôr Bendita que foi a Virgem Maria, pois Booz e Ruth foram os antepassados de Jesus.

Tambem, nota o livro sagrado, que quando nasceu o primeiro filhinho deste casamento, *Obed,* Noémia pegou na criancinha, cheia de alegria, e dali em diante, como verdadeira avó, o acalentava e amimava!

O filho de Ruth, amou-o como neto.

Oxalá nas famílias Portuguesas, se vejam muitas Noémias e muitas Ruths!

Para isso, dos dois lados é preciso almas que se esqueçam de si próprias, dos seus pequeninos ressentimentos, almas que englobem numa afeição verdadeira todos aqueles que entram nas duas famílias.

Deus ajudará as sogras a serem mães para as mulheres dos filhos, e as noras a verem nas sogras a mãe do esposo!

V. P.

Ruth trabalhando no campo de Booz

por
João António Mendes Leal

LEMBRO-ME perfeitamente...

Foi, não deve haver ainda cinco anos, no mês de Setembro... Eu estava então instalado na quinta duns tios meus, gozando aquilo que eu costumava chamar umas bem merecidas férias. Como cenário temos o nosso grande Alentejo com as suas enormes extensões planas.

Um dos nossos divertimentos habituais era a caça à lebre, a cavalo. Da primeira vez passou-se assim...

Levantámo-nos muito cedo, aproveitando o fresco da madrugada, altura por nós considerada mais propícia aos nossos desígnios de caçadores. Primeiro convem-me explicar a quem se refere o «nós».

«Nós» quer dizer aqui na minha narrativa, duas primas minhas e este vosso amigo. Podemos portanto continuar a história... Preparamo-nos para a largada, optimamente montados e secundados por três esplêndidos galgos, de antemão nomeados para correrem atrás da ligeira e fugidia lebre.

E foi justamente nesta nossa primeira caçada, aliás muito bem sucedida, que eu compreendi que não só a mulher pode ser bom cavaleiro, com deve mesmo entregar-se ao prazer da equitação.

E afinal mais um meio de que ela dispõe para um mais directo perfeito contacto com a natureza...

Lembro-me que atravessamos um pequeno bosque, lisonjeiramente iluminado por um sol há pouco nascido, e não posso esquecer a beleza inimitável daquele quadro vivo.

Um animal já de si elegante, melhor, magestoso, montado por um ser a quem chamaram já o mais belo êrro da natureza, e que possui em si o segredo de dar nova vida, novos prismas, a tudo em que toma parte.

Oiço ainda o martelar cadenceado, naturalmente ritmico, dos cascos fortes do animal. Parece-me ver as longas caudas, as crinas de rudes pêlos, flutuando ao vento, caprichosamente agitadas.

E é por isso, por ter visto com os meus próprios olhos a verdade palpável das modernas amazonas, que eu bendigo o movimento que leva as mulheres de hoje a procurar o encanto do hipismo.

Em Portugal, país de grandes tradições na «arte de bem cavalgar em toda a sela», este movimento de aproximação a que nos referimos tem algo de significativo.

Anualmente disputam-se no nosso campo do Jockey provas femininas que até hoje nunca lutaram com falta de concorrentes, o que nos parece ser um sintoma do extraordinário interesse que a mulher portuguesa — ou mais pròpriamente — a rapariga vai tomando por essas coisas de hipismo.

O que é preciso agora é que vocês — representantes da Mocidade saudável deste nosso cantinho — se não deixem ficar para aí de braços cruzados, dizendo que sim com a cabeça, mas nada fazendo de realmente palpável.

Montem a cavalo! Da primeira vez há-de parecer-lhes que estão muito longe do chão, hão-de ter medo duma queda, hão-de arregalar os olhos ao primeiro galope. Mas só da primeira vez... Porque depois e à medida que forem tomando cada vez mais contacto com o animal, vão gostando cada vez mais de cavalgar.

Vocês verão que a primeira queda lhes tira o mêdo das outras. Verão que depois já não acham o galope suficientemente rápido, nem o cavalo suficientemente grande.

Experimentem... e depois digam-me novidades.

Alguma de vocês quer apostar em como quanto mais conhecerem o cavalo, mais ele vos há-de captivar?

"ESPERANÇA NOSSA, SALVÉ!"

Raparigas da Mocidade, atenção!

CADA vez está mais próxima a grande peregrinação Internacional a Fà ma.

Concerteza já estão todas inscritas como peregrinas; concerteza já teem tudo preparado para esta grande romagem de amor.

Muitas das nossas irmãs da Africa e da Asia vêm já a caminho.

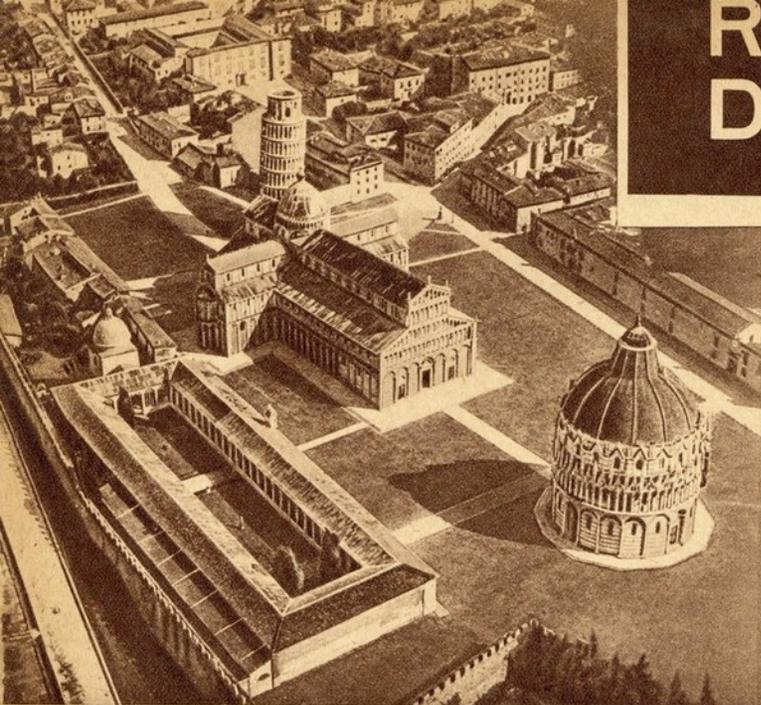
Esperam-se representantes de todas as nossas Colónias. Esperam-se Bispos e Cardeais estrangeiros.

Fátima vai ser um enorme brazeiro de amor!

Por isso, se alguma de vocês ainda se não inscreveu, faça-o quanto antes; as inscrições acabam no próximo dia 15. Ninguem pode faltar.

A Virgem espera-vos a todas.

Maria Luisa Caldas de Almeida
(da Sub-comissão de Imprensa da Peregrinação Internacional)

RAPARIGAS DE ONTEM

PISA — Catedral e Baptistério

Encontro em Pisa

A manhã fresca e enevoada tinha na atmosfera esse tom de pérola, que sem entristecer, dá à paisagem um aspecto docemente melancólico; havia no ar como que a despedida do inverno e pairava já um vago perfume de primavera. No entanto, o vento ligeiro, que agitava e desfazia o nevoeiro que se levantava do rio, era ainda por vezes frio. Pisa envolta nas brumas da manhã tinha esse ar de quem acorda espreguiçando-se.

Maria Luisa e Colette, chegadas na véspera à noite, tinham resolvido, depois de tomar o pequeno almoço, arranjarem-se ràpidamente e ir fazer uma visita à cidade onde não queriam demorar-se, pois o tempo fugia e queriam ainda estar uns dias em Florença, antes de partir para Roma. Maria Luisa tinha sido informada que o clima de Roma, muito quente no verão, não lhes permitiria estar ali senão até ao fim de Maio, o mais tardar, e desejavam aproveitar a oportunidade, que talvez não tornassem a ter na vida, para ver bem a Cidade Eterna.

E assim, tinham deixado «Miss» Muir ao Hotel, descansando da canseira da viagem, e alegres desse primeiro contacto com uma cidade desconhecida, puzeram-se a caminho. Colette já não parecia a mesma rapariga pálida e nervosa que saira de Paris. A companhia e os cuidados inteligentes de Maria Luisa, sempre bem disposta e alegre, a variedade de meio, tinham influido com a maior vantagem na saude de Colette.

Eram duas lindas raparigas, que se dispunham a passar um dia cheio e feliz.

Maria Luisa, com o seu impermeavel de seda castanha, forrado de flanela beige, que lhe fazia bandas e gola, um «cache-col» de lã verde-esmeralda, e uma boina de veludo castanho sobre os seus caracois doirados, parecia uma americana, se os seus olhos dum castanho doirado, não tivessem essa expressão duma mobilidade viva, que só se nota no olhar dos meridionais.

Colette, com um casaco de lontra e uma pequena «toque» da mesma pele sobre os cabelos dum loiro quase branco, olhos azuis e a côr rosada que começava a colorir as suas faces, parecia uma boneca escandinava, tão fragil e pequena era a sua estatura.

Ambas graciosas e risonhas dirigiram-se para a beira do rio e tiveram ai a surpreza de ver aparecer, abaixo do parapeito a que se encostavam, entre farrapos de neblina, a maravilha da capela de Santa Maria della Spina.

Essa encantadora capela de estilo gótico e que parece a miniatura duma catedral.

Consultaram a seu *Beadeeker* e ficaram estáticas a admirá-la. A porta estava ainda fechada e resolveram vê-la mais tarde. Mas não se resolviam a afastar-se e encostadas à pedra do parapeito admiravám os vários efeitos do nevoeiro que pouco a pouco desaparecia e por fim deixou aos seus olhos, completamente livre a capela.

— Esta Itália reserva-nos por toda a parte surprezas — disse Maria Luisa — E quando as tenho lembro-me logo de Gabriela. Que prazer não teria ao vê-las!

— Tambem eu me lembro muito dela, mas sabes, apesar de seres sua irmã e teres sempre vivido a seu lado, parece-me que não a conheces bem. Eu tive sempre a impressão que ela era mais feliz na vida de casa e de familia, do que nas festas e vida movimentada que tu tanto apreciaste sempre.

— Tu observaste isso?

— Sim e agora que muitas vezes me mostras as suas cartas, tenho a certeza que me não enganei, o seu entusiasmo pelas pequenas da tua prima, o interesse que mostra pela vida do velho solar, são bem sinceros, e, vou dizer-te, compreendo-a bem. Quando leio as suas cartas parece-me ver o lindo céu do teu pais e gostaria de viver naquela paz, que ela tão bem descreve.

— Tu?! tu gostarias de fazer aquela vida?! E de ai, talvez tenhas razão, agora de longe aprecio melhor a bondade de todos e a beleza do meu pais, apesar de encontrar tanta bondade na tua afeição e da «Miss» Muir.

— Isso são «saudades», disse Colette, dizendo esta palavra com uma pronúncia tão engraçada que desataram ambas a rir.

— Não te rias, tens de me ensinar a tua lingua, para quando eu as for visitar, saber falar com a tua gente.

— Quando quizeres, mas olha que são dez horas e vamos chamar um carro para ir ver a célebre torre inclinada.

Passava nesse momento um daqueles graciosos carros puxados por um cavalo, com um toldo com franjas, tomaram lugar nele, e seguiram admirando as belezas e os palácios da velha Pisa.

Quando se aproximaram da Basilica e do Batistério, a primeira visão que tiveram foi a da torre de mármore branco, nessa inverosimil posição que nos dá a impressão de que vai cair.

Apearam-se e ficaram admirando a sua beleza tão conhecida.

Em seguida foram ver a Catedral Magestosa e desse estilo um pouco levantino que tanto se vê em Itália.

Depois de visitar a Basilica e admirar os notáveis púlpitos de Pisano e todas as belezas e obras de arte que a tornam admiravel, sairam e atravessaram a praça para visitar o Batistério. Quando se aproximaram viram um rapaz elegante que, de chapeu na mão, admirava, profundamente interessado, a linda porta de bronze que tem os mais belos baixos relevos.

Ao ruido dos seus passos já próximos voltou-se, e uma exclamação de surpreza saiu dos seus lábios.

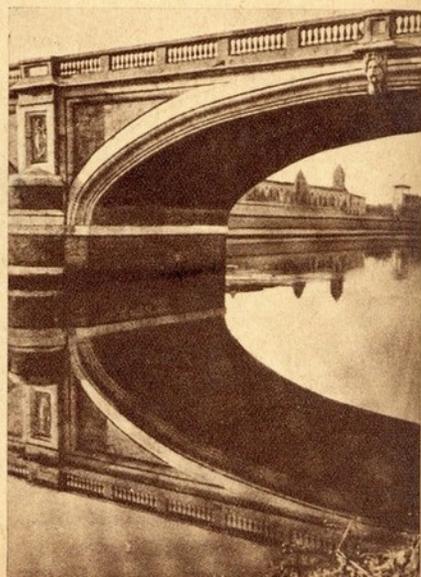
Era João de Mornay, o rapaz que acompanhava a familia de Colette em Monte Carlo.

— Que feliz sou em ter este bom encontro — disse, avançando para as duas meninas.

— Tem graça termo-nos encontrado aqui — disse Colette, pensava que tinha ido para Roma.

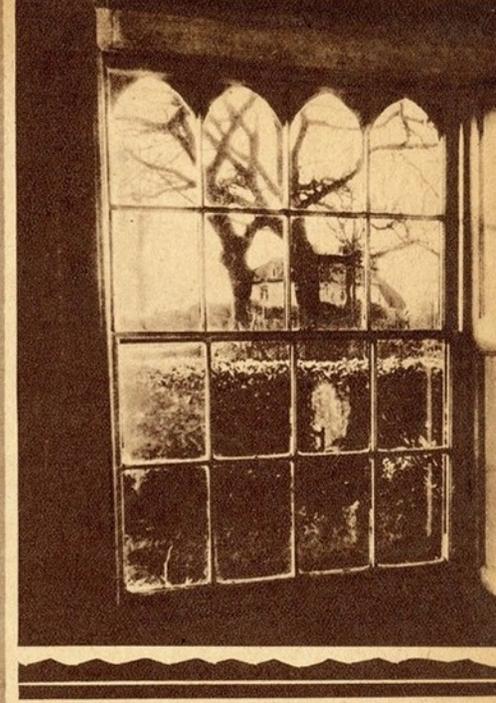
— Ainda vou a caminho, encontrei em Turim o meu Ministro, que me deu licença de ir a Florença e me disse que só no fim do mês me esperava. Aproveitei essa autorização e passei três semanas de Arte, em Florença.

— Nós vamos agora para lá; tencionamos partir amanhã — disse Maria Luisa — e se me pudesse dar alguma indicação era muito amavel. Estamos inde-

Do parapeito da ponte, descobriram esta bela perspectiva...

À JANELA

O primeiro dever é o de pensar — o principal acto de um espírito consciente é debruçar-se sobre a janela, aberta sobre o Infinito. No longo rolar dos anos avista-se clara e nitidamente a teia do bem por entre os pontos soltos traiçoeiros do mal. Os passos de Cristo ressoam, poderosos, inolvidáveis, indiminutos por entre os vãos ruídos do mundo, os torpes ruídos da vida banal, ansiosa de gôzo fácil, e o fragor maravilhoso ecoa, mais belo, mais alto, mais cintilante no seu significado eterno. Sempre a contravérsia agradou ao temperamento irrequieto da mocidade, sempre os muito novos gostaram da crítica livre, e é justo assim ser. Todavia, se as mãos fortes dos novos empunham com gôsto o camartelo demolidor e se comprazem em ver cair em ruínas o que se lhes afigura exagero dos tempos passados, não é natural fecharem os olhos ao ensinamento da História, não é natural não repararem nas consequências do bem e do mal na sua acção constante, iniludível, ao longo dos fundos carreiros das épocas, no seu curso fatal, vertiginoso. Hoje marca-se o caminho, claro, nítido; surge a trajectória do pensamento na sua limpidez inexorável, progressiva, aos olhos de todos os que, de boa vontade, queiram aprender a construir com as pedras soltas de tanta ruína catastrófica, a enlutar a face do mundo.

Formam-se exércitos, na sombra, para a defesa de ideais, de interesses, de fantazias...

Entre as raparigas, as mulheres de amanhã, as que terão nas mãos o futuro do seu país, da Família, (pode dizer-se de humanidade, por tal forma se entrelaçam os actos às origens e às consequências) entre as raparigas de hoje nenhuma pode furtar-se a entregar a sua parte de rendimento, nenhuma pode, sem grave pecado negar as suas energias, a sua boa — vontade — na luta que se trava. Essa luta foi de todos os tempos, sim; sempre o bem e o mal se degladiaram e sempre assim será, enquanto sôbre a terra florescerem rosas e os corvos negros cruzarem o céu. Porem, à nossa época cabem especialmente a glória e a angústia de assistirmos à demarcação nítida de duas zonas, a do bem e a do mal. Ou se trabalha para a ruína dos direitos da alma, ou se luta pela supremacia do espírito, acima muito acima dos rugidos da matéria. Na grande luta, as obreiras mais conscientes ou mais perigosas são as mulheres. Assim o entendem, e com muita razão, os discípulos de Voltaire. O seu conselho continua a ser escutado: Pervertei a mulher e o mundo estará «perdido». Será dever dos discípulos de Cristo clamarem: Ilustrai a mulher, iluminai-lhe bem a alma, o coração, o cérebro, e o mundo estará redimido. Não há exagêro algum nesta afirmação. Na fina e subtil engrenagem íntima dos acontecimentos, cabe em sorte à mulher a parte de principal responsabilidade. E nunca é demais repetir às raparigas tudo o que delas depende, e a importância que Deus lhes concedeu, ao criar o mundo. Nunca é demais estudar, aprender, isto é, debruçarmo-nos da janela aberta sobre o Infinito e estudarmos na ronda dos milhões de vultos aqueles que saíram do anonimato por seu valor, sofrimento, êxtase ou santidade. Fixemos essas figuras de mulheres que a História guarda com cuidado para transmitir pelas gerações fora a sua lição eterna, contemplemos-lhes os actos e seus reflexos e, pelo rastro que de si deixaram, pela projecção de luz ou sombra, entenderemos a mensagem que continuam a proclamar lábios, há muito selados pela morte, tam verdade é não existir o fim, mas sim o princípio para os que servem com ardor a certeza da imortalidade.

Maria Henriques Osswald

---

cisas entre o Grande Hotel e o Hotel Cavour, qual lhe parece melhor?

— Se me permitem um conselho, dir-lhe-ei que para senhoras sózinhas, parece-me esplêndida a pensão onde estive e me foi indicada por um amigo meu, italiano, o escritor Gilberto Bessari, muito mais socegada que os hotéis, não é de luxo, mas um ambiente muito agradavel e muito bem situada. E' a pensão Luchesi.

As raparigas olharam-se sorrindo e Colette disse:

— Ontem à tarde, quando vínhamos no comboio, dissemos que seria ideal encontrar em Florença um alojamento, que não fosse um hotel, com a barafunda que há sempre nos hoteis, de entradas e saidas.

— Esta pensão está nessas condições e certamente vão gostar dela, tem quartos muito bons e é socegadissima.

— Foi muito bom termo-nos encontrado, porque é o que desejamos. Já viu o Batistério?

— Não vi ainda e se permitem acompanho-as na sua visita.

Com a liberdade que há em viagem, as meninas, apesar de não estar «Miss» Muir com elas para «chaperoner», aceitaram, e foi um bom cicerone o jovem diplomata. A linda joia batismal com as suas esculturas foi cuidadosamente vista, assim como todas as belezas do Batistério.

Em seguida visitaram o Campo Santo, que como todas as de Itália é um museu de obras de arte.

Quando olharam para o relógio era quase uma hora e as duas raparigas resolveram voltar logo para o hotel onde a velha inglesa devia estar alarmada com a sua demora,

Jean de Mornay acompanhou-as ao carro, e elas, vendo que não havia outro ali, ofereceram-lhe para as acompanhar, que o deixariam na cidade. Aceitou agradecido e quando deram a direcção do hotel, riu dizendo: — Mas é o hotel onde estou desde ante-ontem.

Alegremente, fizeram o caminho. Quando chegaram ao hotel encontraram «Miss» Muir no «hall», surpreendida já com a demora. Depois de terem explicado o seu encontro e o atrazo, as duas meninas despediram-se do seu companheiro e foram ao quarto arranjar-se para o almoço.

A' mesa, a romântica inglesa disse-lhes:

— Quando as vi chegar com o rapaz até senti um baque no coração. Tenho muito medo dos italianos, já pensava que seria um homem perigoso, e fiquei bem satisfeita de ver depois que era o jovem francês, amigo da familia e que já viramos em França.

As duas raparigas riam a bom rir, o que bastante a afligia

— As meninas nem sabem os maus homens que há, eu conheço-os, dos romances!

Aqui, ainda mais as duas meninas riram.

— Então «Miss» Muir pensa que toda a gente vive romances? disse-lhe Maria Luisa.

— Certamente, os romances são tirados da vida.

— E quem sabe? disse Colette.

Depois do almoço descansaram e à tarde visitaram a cidade. Depois de jantar foram para o «hall» do hotel. Jean de Mornay veio juntar-se lhe e estiveram conversando até às 10 horas.

Tomaram nota do que mais lhes aconselhava para ver o jovem diplomata, em quem tinham reconhecido um conhecedor de arte.

Ao retirarem-se, ele apresentou as suas despedidas, pois partia na manhã seguinte para Roma. Agradeceu-lhes a boa companhia e voltando-se para Maria Luisa, disse-lhe:

— Não imagina que prazer tive em encontrar quem sinta tanto a arte, da mesma maneira que eu, e creiam que tenho a maior pena que nos tivéssemos encontrado apenas à minha volta, pois tenha a certeza que teria sido bem mais agradável a minha estadia em Florença.

No dia seguinte descansaram até mais tarde e Maria Luisa, sempre activa, aproveitou para escrever uma longa carta a Gabriela e tambem ao senhor de Villemaison, dando notícias de Collete, que tão boas eram.

Depois do almoço fizeram compras e às 4 horas partiram para Florença.

Todo o caminho foi para elas um encanto; estavam na linda toscana, de paisagens tão suaves e doces, com essa beleza que se sente em tudo, nessa previligiada região. É bela a paisagem, é bela a gente.

Há harmonia em tudo e nós compreendemos bem, que nesse ambiente, tivessem nascido génios como Leonardo da Vinci, Miguel Angelo, Sandro Botticelli e tantos outros.

A paisagem predispõe-nas para a maravilha de Florença.

Naquela região, a cidade não podia deixar de ser o escrínio de Arte que é, que subjuga os visitantes, que não a deixam sem uma grande saudade.

E foi numa espectativa de encantamento que as duas raparigas, e a sua companheira chegaram a Florença.

(Continua)

MARIA D'EÇA

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA RAPARIGA SIMPLES

(Continuação do Cap. I)

Como se passou esse dia, Guida não saberia dizê-lo! e quando, à noite, se viu sentada numa frisa, entre a mãe de Bel e Maria Luisa, à espera de ver subir o pano, o seu coração batia num ritmo de verdadeiro galope! e as suas bochechas estavam escarlates.

Poucas vezes tinha Guida ido ao teatro; alem de várias sessões de cinema, só tinha visto récitas de caridade, com bailados e representações de amadores.

Agora, num deslumbramento de luzes, apareciam dançarinas e coristas, vestidas com reduzidas túnicas, cantando e dançando ao som de instrumentos exóticos e berrantes.

Havia ditos em calão que provocavam no público grosseiras gargalhadas; e Guida, sem compreender, perguntava a si mesma:

— Porque será que riem?

Quando entrou um enorme grupo de raparigas, vestidas, apenas, com uma grinalda de flores em volta das ancas e do peito, Guida còrou intensamente e baixou a cabeça.

— Que tens tu? — perguntou-lhe Maria Luisa, baixo.

— Aquelas pobres raparigas — respondeu Guida — terem de aparecer assim, quase nuas, diante de todos...

Maria Luisa riu, e disse:

— Não sejas patêta! é a moda. E tens de te acostumar a ver estas coisas.

Guida, porem, abanando a cabeça, respondeu:

— Não quero acostumar-me; acho horroroso e é uma vergonha apresentarem-se naquela figura...

Maria Luisa encolheu os ombros, aborrecida.

Quando chegaram a casa, estava a avó à espera delas, desejosa de ouvir as impressões de Guida. E perguntou, sorridente:

— Gostou, Guidinha?

— Tenho mêdo que me achem malcriada, sr.ª D. Eugenia, mas a verdade é que... não gostei.

— Não podes deixar de dizer que o espectáculo foi estupendo, Guida — gritou Maria Luisa, indignada.

— Havia bocados lindos, isso é verdade — tornou Guida — mas aquelas mulheres quase nuas impressionaram-me tanto... que antes não quero tornar a vê-las.

D. Eugenia, afagando-a, disse:

— A menina foi educada na provincia, onde ainda há modéstia... A educação, agora, é diferente. — E, beijando-as, D. Eugenia deu-lhes as boas noites.

II

Novos conhecimentos

— Hoje vou ao curso de francês; queres vir tambem, Guida? — perguntou Maria Luisa, numa manhã de Novembro.

— Estás já toda pronta, Maria Luisa; falta-te ainda alguma coisa? — respondeu Guida.

— Falta, sim senhor — acudiu Tomé — pôr os «chichis» e besuntar a fachada com as côres do arco-iris!

— O que são os «chichis» e que besuntadela é essa?! — tornou Guida, espantada. Maria Luisa não se dignou responder; e o jovem Tomé explicou:

— Chamam-se «chichis» a uns rôlos repelentes de cabelo postiço que se põem no cocuruto da pinha! Com as besuntadelas de várias côres pintam-se as bochechas! — e, com esta explicação impertinente, Tomé pôs as mãos nas algibeiras e saiu a assobiar de nariz para o ar.

— Chega a ser provocante, este meu irmão! — comentou Maria Luisa, desesperada.

— Então é preciso ir-se com o melhor fato para o curso? — perguntou Guida admirada.

— Bem vês que nunca se sabe quem se encontra no caminho. Não te ponhas lá com os teus acanhamentos, Guida; vou apresentar-te às minhas amigas e verás que são todas cem por cento estupendas.

Quando chegaram ao curso ainda era cedo; e Guida viu-se numa grande sala cheia de raparigas entre os quatorze e os desoito anos.

Algumas liam ou escreviam à roda da mesa, enquanto não chegava Mr. de Limoc, o professor de francês. Mas a maior parte das meninas, em pequenos grupos, tagarelavam com animação.

— Querem saber uma novidade colossal? — cochichou Isabel Castro, entrando — a Carolina foi expulsa do Colégio das Irmãs!

— O quê?! Expulsa! Mas porquê, Bel? Não se sabe as razões? — as perguntas cruzavam-se em volta de Bel.

— Porquê? porque eram mentiras atrás umas das outras às pobres freiras; até que se descobriu tudo. Dizia que tinha de sair mais cedo por ordem da mãe, inventava milhentas coisas, e ia para o cinema com a criada!

— Que vergonha! — observou Guida.

A espevitada Isabel voltou-se para ela, e disse:

— Vergonha? Tivesse a Carolina feito isso com mais habilidade e nada se tinha descoberto! Não teve geito.

— O que andas a ler, Maria Luisa? — perguntou outra — eu arranjei (às escondidas da Mãe, já se vê) um romance estupendo que me emprestou o Quim!

— Já leu o Mário, de Silva Gayo? é lindo! — observou Guida; — e histórico.

— Histórico? Oh que espiga tremenda! — respondeu a menina.

Nesta altura, chegou Mr. de Limoc; e todas se instalaram na aula, enquanto Guida se sentou num dos lugares ao fundo da sala, reservados aos visitantes. Achou interessante a lição; sobretudo quando o professor leu alto alguns trechos da História de França.

Mas admirou-se da falta de interesse com que as raparigas o escutavam; e até còrou de vergonha ao ouvir a resposta de uma delas sobre a Revolução Francesa: perguntando Mr. de Limoc o nome do general francês que ajudara a América na sua luta pela independência, a menina disse, afoitamente: LAMARTINE em lugar de LAFAYETTE.

Acabada a lição, as raparigas debandaram; mas Maria Luisa, Bel, e Beatriz, seguidas pela tímida Guida, dirigiram-se,

DIVERTIMENTOS

Hoje em dia, queridas raparigas os divertimentos que vocês apreciam não são muito variados: é, pelo menos, essa a minha impressão.

E quando se não trate de *dança*, cinema, mah-jong, já não estão divertidas mesmo... Estarei enganada? Talvez.

Em todo o caso quero lembrar-lhes um alegre divertimento que dantes, há umas dezenas de anos, muito nos fazia rir, quando nos juntávamos, raparigas e rapazes, em alegres serões de familia: eram as *Charadas figuradas*.

Em casa de uma tia minha muito querida, e que recordo com vivíssima saudade, a condessa de N. G., juntávamos-nos todas as semanas; e, alem dos côros afinados que faziam o encanto da querida tia, improvisavam-se charadas.

Dos velhos baús saiam fatos e mantos e os personagens surgiam na sala; irreconheciveis, representando com animação as palavras mais inesperadas que o público procurava adivinhar. Assim, a palavra *Pachá*, por exemplo, produziu quadros mimados e falados, cujo sucesso nunca esquecerei!

Pois, se para figurar a *Pá* representada em mímica expressiva, a padeira *Brites* corria com a pá do forno em perseguição de nove espanhois, a palavra *Chá* era produzida por uma linda cena japonesa com graciosas «*mousmés*» tomando chá. E no final, figurando *Pàchá*, via-se em quadro vivo bemdisposto, um pàchá turco, rodeado de favoritas.

Como todos riram! como e nós nos divertiamos nestas distrações salegres e singelas!

entre risos e conversas, para a Pastelaria Bijou, pedindo café e bolos. Pouco depois surgiu um rapaz, que veiu falar-lhes com grandes expansões e se sentou à mesma mesa, partilhando dos bôlos com apetite.

E quando, daí a meia hora, Bel e Beatriz se despediram, Maria Luísa disse a Guida, a quem apresentara o elegante Bob Sousa, estudante de Direito:

— Olha, como o almôço lá em casa é só perto das duas, podíamos dar uma saltada às Belas Artes: há lá uma exposição estupenda!

— Formidável! — confirmou Bob.

— E a tua mãe não estará em cuidado? — perguntou Guida.

— Isso sim! a Mãe só dá sorte se não estivermos à hora do almoço.

E seguiram pela Avenida acima, acompanhadas pelo estudante, chegando depressa à Sociedade de Belas Artes.

— Vai tu vendo os quadros, Guida, enquanto o Bob conversa comigo no sofá.

Guida, obedecendo, deu a volta a todas as salas; ao voltar junto do sofá admirou-se, porem, de ouvir Maria Luísa dizer ao rapaz, de quem se despedia:

— Pois sim, Bob, logo lá estamos no concêrto.

Depois dele se afastar, Maria Luísa disse, confidencial:

— Há agora uns concertos colossais no Tivoli: e eu costumo ir com a Bel e a Bi; mas escusas de falar lá em casa no encontro com o Bob, ouviste?

Guida admirou-se. E perguntou:

— Então a tua mãe não gosta que andes com o tal Bob e tu andas!?

— A Mãe não se importa: o Pai é que embirra. E eu não é por mim, sabes? O Bob de quem gosta é da Bi, da Beatriz. Eu estou a ver se fazem as pazes: brigaram!

— Mas... — tornou Guida.

— Não te importes; faz de conta que não sabes nada disto, é só o que eu te peço.

Quando, depois do almoço, Maria Luísa pediu à Mãe para as deixar ir ao concêrto, D. Maria José perguntou, apenas:

— Com quem vão? — não dando muita atenção à resposta.

— Só eu e a Guida, Mãe: ela adora música, e como é uma «matinée»...

E lá foram as duas, pelas seis da tarde.

Mal saiam de casa, Maria Luísa exclamou:

— Olha, Guida, quem vem ao nosso encontro: o Nel, irmão da Bi! O meu chapéu está bem? o cabelo não saiu da rêde?

Antes que Guida pudesse responder, Nel, de jaquetão sôbre o «pull-over», sem chapeu, nem gravata, o andar gingão, e os cabelos acamados por forte dose de brilhantina, aproximou-se das duas e entrou com elas no Tivoli.

Já lá estavam a Bi e a Bel, com o inseparável Bob; e mais um rapaz de ar «sportivo» que Maria Luísa apresentou a Guida como Quim de Melo.

Quando o concêrto começou, Guida abstraiu de tudo mais: entregou-se, completamente, ao gôso de ouvir boa música.

— Ah, que beleza de concêrto! — exclamou ela, com calor, depois de um táxi as trazer até casa. — Pena foi vocês três e aqueles idiotas nunca se calarem!

— Idiotas! — respondeu Maria Luísa. — São rapazes tudo quanto há de «bem», fico sabendo! E o Quim é formidável no «foot-ball», não calculas!

— Bem educados não são com certeza — tornou Guida, rindo. — Nem se dignaram apanhar o meu programa quandoo deixei cair.

— Tomaram-te por uma pequena, naturalmente. Mas o que me admira, Guida, é que tu aches estes rapazes malcriados e atures as maluqueiras do Tomé, que é um selvagem cem por cento! Não há direito!

— O Tomé é um garoto: não tem pretenções; e entendo-me muito melhor com ele do que com esses três patêtas, Maria Luísa.

Estavam ambas na sala, a discutir estas opiniões; e mal Guida acabara a sua frase quando, num salto a pés juntos, com um estridente assobio, surgiu ao pé delas... o terrível Tomé.

— Ouviste o que nós dissemos, está-se a ver! E vais parlapatar tudo ao Pai! — gritou Maria Luísa, furiosa.

— Tudo, minha rica!

— Não é nada bonito estar à escuta, Tomé — disse Guida, sem esconder uma certa vontade de rir.

— E previno-as já, minhas meninas, que as vi na Avenida com os «papo-secos»: Não creio que isso agrade à paternidade...

— Não é nossa culpa se encontrámos os rapazes. Olha, Tomé, vou fazer uma combinação contigo: queres? — tornou Maria Luísa, amavelmente.

Tomé olhou-a, desconfiado.

— O que é? Despeja o saco.

— Se juras não falar ao Pai nisto tudo... vou pedir-lhe que te dê a bicicleta!

Tomé ficou pensativo.

— E quem me garante que a apanho?

— A Guida ajuda-me no pedido, não ajudas, Guida?

— Antes quero não entrar nessas combinações: parecem-me... intrujices, afinal.

— Ora essa! Então tu dizes tudo o que fazes a teus pais?!

— Tudo! é muito mais simples assim.

— Nada de combinações — tornou Tomé, sentindo-se investido de moralidade — vou dizer tudo ao Pai.

— Não seja embirrento, Tomé — disse Guida — se você se vir em apuros, a Maria Luísa tambem lhe acode.

— Nunca me vejo em apuros: e não era a uma rapariga que eu ia recorrer se visse...

— Não sei porquê! Mas agora prometa, sim? Como foi a escutar, o que é vergonhoso, que você soube das nossas conversas, tem de se calar, ouviu? Sou eu que lho peço, Tomé.

— Está bem; desta vez calo o bico; mas escusam de arranjar mais passeiatas com os toleirões... senão digo tudo!

(Continua)

CONVERSAS

— Tomara que o Pai escolha sempre a História para as nossas conversas — disse Angélica.

— É, bom de dizer, mas para quem está em branco... — suspirou Carmo.

— Já é tempo de você se tornar sabichona — disse-lhe a irmã, bruscamente.

Quando o Dr. M. Pinto entrou, ergueram-se para ele as juvenis cabeças, cheias de interesse.

— Resolvi tirar o assunto à sorte! — declarou ele a rir — como se se tratasse dos «pontos» para exames.

— Bela ideia, Pai! — exclamou Berta.

— E já aqui trago os papelinhos escritos à máquina. Misturam-se bem e a mais nova...

— Sou eu — gritou Júlia.

— Então, filha, tira um dos papeis.

E o assunto que saiu, foi:

Revolução Francesa

— Interessante e «douloureux»... — disse Mlle. Sixte.

— Só peço que não me perguntem nada — declarou Carmo — porque eu nada posso dizer.

— O quê, nem da tomada da Bastilha podes falar? — perguntou Alexandra, a rir.

— Afinal — disse Angélica — a tomada da Bastilha é mais um símbolo do que um facto notável; não é assim, Pai?

— A Bastilha — respondeu o Pai — era uma fortaleza enorme, em pleno centro de Paris, mas não tanto para criminosos como para presos políticos de importância. Tinha um governador que ali vivia com numerosos criados e empregados, e uma verdadeira multidão habitava aqueles quartos, salões, corredores, páteos.

— Mas para que quizeram os revolucionários tomar essa fortaleza que, afinal, não era tanto para o povo como para os altos personagens? — perguntou Berta.

— Como disse a Angélica ainda agora, a *Tomada da Bastilha* é bastante simbólica. Aquela fortaleza, representava para os exaltados, a tirania, a opressão, percebem? E o dia 14 de Julho, data em que a tomaram, ficou sendo para os franceses, o dia da libertação.

— Oh, Pai, diga coisas da Revolução Francesa. Parece-me uma época tão horrível, tão injusta, tão revoltante... — pediu Alexandra.

— Na verdade, Xandra, todos esses epítetos são aplicáveis a essa época terrível. Mas é preciso não ver tudo através dos nossos sentimentos, e, para motivar essa revolução de muitos milhares de creaturas, houve factores importantes tambêm.

— A fome? — perguntou Maria do Rosário.

— Não só a fome. O povo tinha poucas ou nenhumas regalias; o luxo das classes altas estava sendo exorbitante. E as classes populares não tinham os Direitos que devem ter todas as criaturas na vida social, seja qual for a classe a que pertençam.

— Oh, meu Deus, não percebo patavina... — suspirou Maria do Carmo.

— Houve uma célebre sessão em que se proclamaram os *Direitos do Homem*, e isso foi um facto importante na Revolução Francesa.

— E o pobre Luiz XVI, Paisinho?

— Ah, esse infeliz rei era um carácter íntegro, admirável; tornou-se *mártir*, até, na maneira digna e grande como encarou e aceitou a morte ignominiosa em 1793.

A época do Terror, com o cínico *Robespierre* e o repelente *Marat* a dirigir a França, constitui uma mancha na História francesa.

A guilhotina não parava de cortar cabeças! A's dezenas, às centenas, aos milhares...

— Que gente horrível! — gritou Júlia.

O dr. Menezes continuou:

— Mas tambem houve gente honesta e digna entre os Revolucionários: homens que obedeciam a um *Ideal*.

Assim, o velho advogado *Roland* era um homem notavel e bom.

— Não foi a Madame Roland que disse... — começou Berta.

— *Liberté, combien de crimes on commet en ton nom...* — concluiu Angélica.

— E disse-o quando, na carroça fatídica seguia para a guilhotina! — observou M.elle Sixte.

— *Danton, Camile Desmoulins*, por exemplo, eram sinceros: não concordavam com o «Terror»: eram do grupo dos *Girondinos*, menos exaltados e mais sinceros.

Mas... é difícil, filhas, *julgar* a Revolução Francesa com absoluta imparcialidade; e teremos de continuar este assunto, tão cheio de interesse, noutro almoço.

— Podemos, agora, saborear o doce de ovos estupendo que a Xandra nos deu! — disse Maria do Rosário.

NOTÍCIAS DA M. P. F.

CAMARADAGEM!

OITO DIAS DE FÉRIAS NA CAMACHA

AVANCEMOS meio século, 50 anos apenas! Que são 50 anos no rodar contínuo do tempo! Já todas as que formam a mocidade de hoje estarão enfeitadas de fios de prata, e dirão como Guerra Junqueiro no seu imortal poema:

DEDICATÓRIA

Recordam-se vocês dos bons tempos de outrora
Dum tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos a rir pela existência fora,
Alegres como em Junho um bando de pardais?
C'roava-nos a fronte um diadema de aurora,
E o nosso coração vestido de esplendor,
Era um divino Abril radiante, onde as abelhas
Vinham sugar na balsamina em flor!
Que doiradas canções nossas bocas vermelhas
Não lançaram então, perdidas pelo ar!
Mil quimeras de glória e mil sonhos dispersos,
Canções feitas sem versos,
E que nós nunca mais havemos de cantar!

E então, se nessa época vindoura ainda for costume os nétinhos escutarem às avós as histórias da sua juventude, ouvirão referir talvez, entre outras recordações, a de um acampamento para a Mocidade.

Foi nos primeiros dias de Agosto, mês que, na Madeira, costuma ser um dos mais belos do ano. O sol doura tudo, e, com a sua luz, suave e doce, consegue dar à natureza o aspecto duma linda dama, vestida de gala. Tem ela por manto o verde-negro dos montes, cobertos de pinheiros. E nem as jóias lhe faltam. Os campos de trigo, amarelecidos, são os topázios; as canas de açúcar, as esmeraldas; as terras das vinhas, avermelhadas, são rubis; e o mar, que beija docemente as suas praias, é uma brilhante safira, a que não falta limpidez.

Porém, no dia da partida, ao contrário do que sempre sucede no verão, o dia estava sombrio. Mas partimos, alegres e felizes, cantando e rindo, acompanhadas pela Mestra Sr.ª D. Ilda Migueis, e pelas professoras Sr.as Dr.ª Deolinda Macedo e Dr.ª Maria de Lourdes Monteiro.

Júlio Denis não podia ter falado mais acertadamente ao dizer nos «Inéditos e Esparsos»: «Para que a Madeira nos sorria, para que nos apareça formosa, e flagrante como a flor do oceano, é necessário sair da cidade, procurar as freguesias rurais, e subir as íngremes ladeiras, que costeiam os picos e espraiar então a vista pelos formosíssimos vales que vão descobrindo o seio fecundíssimo aos nossos olhos maravilhados». E foi o que fizemos. Tínhamos saído do recinto da cidade. O dia conservava um semblante triste, mas nem assim a paisagem perdia a sua beleza. Talvez a cuidássemos mais linda, assim toucada pelo véu de tule, tão diáfano, formado pelo nevoeiro. As estradas estavam enfeitadas de hortências ou novelos, como se diz por cá. Chegámos, finalmente, à pitoresca freguesia da Camacha. São dezoito, as filiadas. Chegámos, é esta a realidade. E, perfiladas em frente dum pinheiro que nos servia de mastro, e onde tremulava a bandeira, cantámos o nosso hino. Depois, como os antigos pioneiros, pegámos nas enxadas, cavámos, e erguemos as nossas tendas de campanha. O cheiro activo dos pinheiros fazia sentir a sua acção, abrindo-nos o apetite. E, à semelhança dos dias seguintes, foram escolhidas as filiadas que deveriam fazer o almoço, com que nos regalámos, pouco depois, sentadas nos bancos que nos oferecia a Natureza. Depois de termos rezado uma oração, agradecendo a Deus o alimento, escolheram-se as filiadas que deviam fazer o jantar, enquanto as outras iam visitar os arredores. O dia clareara, e sorria-nos, não sei se pelo contacto com a nossa alegria e optimismo. Havia nos lábios de todas um sorriso. E, quando à noite, estendidas nas duras camas de campanha, não sentimos o afectuoso beijo das nossas mães sentimos um grande aperto no coração. Mas a porta da barraca abre-se. E, qual fada bemfazeja, entra a

Um grupo de filiadas de Ponta Delgada — AÇÔRES

Dr.ª Maria de Lourdes, que se curva, e nos beija, pressentindo, com certeza a mágua que reinava nos nossos corações. No outro dia, levantei-me pelas 6 horas, acordada pela mais vibrante música com que os melros nos saudavam. Abri a porta da tenda, e o que vi, deixou-me encantada. A' pressa, dou a volta ao acampamento. Meia escondida pela vegetação, encontro uma cruz. Ajoelho e rezo, agradecendo a Deus, que nos deu tão belos horizontes. Depois é a missa, na Igreja, onde ainda não chegaram os ecos da corrupção social, como nas grandes cidades. Passam-se os dias. Fazemos visitas aos pobres, visitas essas que nos fazem conhecer a miséria, mas tambem a vida sã do campo. Estas visitas têm o mesmo fim caritativo que as iniciadas na cidade, por iniciativa da Sr.ª Dr.ª Maria de Lourdes Monteiro. No dia 6, recebemos a visita da nossa Directora de Centro, Sr.ª Dr.ª Maria Arlete da Mata de Souza Jardim, assim como a do nosso Director, Sr. Dr. Alvaro de Meneses Alves Reis Gomes, e de duas filiadas de outro centro, uma das quais, convidada a ficar, nos fez, durante alguns dias, uma agradavel companhia, ficando encantada com a boa camaradagem que reinava entre nós. Mas é preciso voltar. E por isso, à noite, em volta da foguéira, cantámos novamente o hino. No outro dia, depois de assistirmos à missa, levantámos as barracas. Os olhos miram pela última vez a paisagem, e ficam encantados. Colhem-se folhas de hera, escrevem-se datas. Foram oito dias de animação, devidos à solicitude das Ex.mas Dirigentes, que tão bem nos souberam guiar.

«Por isso, quando o Sol da vida já declina
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
E-nos doce parar na encosta da colina,
E volver para trás o nosso olhar plangente,
Para trás, para trás, para os tempos remotos,
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguês,
Porque ai! a juventude é como a flor de lótus,
Que em cem anos floresce apenas uma vez.»

Funchal, Setembro de 1946.

Arminda Marília Fernanda Loja
(Filiada do Centro Escolar N.º 2 — Escola Industrial e Comercial do Funchal)

AÇORES — Ponta Delgada — Centro n.º 2

1 — Grupo de filiadas que no dia 1 de Dezembro de 1946 vestiram pela primeira vez, com alegria, o uniforme da M. P. F..

Nesse mesmo dia, estas e todas as outras filiadas, assistiram a uma missa, ouviram uma palestra alusiva à data festejada e à noite um grupo de filiadas cantou na Emissora Regional vários coros.

2 — Algumas filiadas com parte das crianças beneficiadas na «Semana da Mãe».

Comemorando a «Semana da Mãe», mandaram celebrar uma missa no dia 8 de Dezembro e na tarde desse dia foi inaugurada uma exposição do berço e roupitas confeccionadas pelas filiadas.

Na sala de exposição via-se tambem um lindo presépio armado pelas filiadas e uma árvore com brinquedos destinados a 50 crianças pobres, a quem foram tambem oferecidos bolos, etc.

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Decifração das adivinhas: *1 — Uma cadeira* *2 — Deus* *3 — O lacre* *4 — A língua*